

MATO GROSSO: Do sonho à utopia

João Carlos Barrozo (org.)

EdUFMT/Carlini & Caniato Editorial, Cuiabá, 2008, 336 p.

Este livro é fruto de iniciativa do Programa de Pós-Graduação da UFMT, que tem uma linha de pesquisa voltada para o processo recente de (re)ocupação da fronteira amazônica de Mato Grosso. Tendo como questão central a questão agrária, os textos apresentam um território percorrido por grupos sociais vindos de diversas regiões (do minifúndio do Sul-Sudeste e de áreas de seca e latifúndio do Nordeste), que instigados pela propaganda e pelo sonho da terra migraram para a região a partir dos anos de 1970. As abordagens foram agrupadas em quatro unidades temáticas: a) Políticas de colonização; b) Construção de territórios; c) Posse e conflito; d) Memória da luta pela terra.

A COLONIZAÇÃO OFICIAL EM MATO GROSSO: “A nata e a borra da sociedade”

Sueli Pereira Castro, João Carlos Barrozo, Marinete Covezzi e Oreste Preti

EdUFMT, Cuiabá, 2002, 290 p.

Resultado de um estudo de avaliação dos projetos de colonização oficial ao norte de Mato Grosso, este livro abarca os projetos Peixoto de Azevedo, Braço Sul, Carlinda, Terranova, Lucas do Rio Verde e Ranchão, todos situados no eixo da rodovia Cuiabá-Santarém. A colonização oficial dirigida visava explicitamente ocupar a terra com pequenos produtores e, ao mesmo tempo, ampliar a acumulação do capital em âmbito regional e, principalmente, nacional. Desvendar a articulação que vigorou entre as propostas e os programas, bem como os resultados efetivos da sua execução é o que constitui o foco deste estudo.

DIFERENCIAÇÃO SOCIAL DO PEQUENO PRODUTOR NO PROJETO RANCHÃO *Marinete Covezzi e João Carlos Barrozo*

In: Cadernos do NERU, nº 1, UFMT, 1993, 16 p.

Os colonos do PAC Ranchão foram assentados em duas áreas, dentro do mesmo projeto, com características diversas; uma área de mata, com lotes menores, e uma área de cerrado, com lotes maiores. Na primeira foram assentados agricultores com menos recursos, e na segunda os mais capitalizados.

Em cinco anos a diferenciação entre os dois grupos se acentuou. No cerrado desenvolveu-se a monocultura da soja, mecanizada, com uso de mão-de-obra assalariada. Na mata, são produzidos alimentos básicos, insuficientes para a manutenção das famílias, o que exige, acessoriamente, a venda de força de trabalho por parte das mesmas.

TRABALHO ESCRAVO NAS AGROPECUÁRIAS DE MATO GROSSO

João Carlos Barrozo

In: Cadernos do NERU, nº 2, UFMT, 1993, 36 p.

A política de ocupação atraiu, nas últimas décadas, grandes empresários para a Amazônia. As empresas empregaram trabalhadores, denominados peões – arregimentados pelos “gatos” –, utilizando mecanismos de exploração que não são especificamente capitalistas. O peão não é um trabalhador livre, pois ele não vende a sua força de trabalho, ele mesmo torna-se uma mercadoria através do sistema da dívida. Na realidade ele é um escravo.

ISSN-0103-5576

TRAVESSIA

revista do migrante

Publicação do CEM - Ano XXII, nº 64, Maio - Agosto/2009

64



REMESSAS

REFUGIADOS

PENDULARIDADE

PAPÉIS

FLUXO

DIRETIVA

Sumário - nº 64

Apresentação
Helion Póvoa Neto

Análise do deslocamento pendular para o trabalho
do município de Colombo para Curitiba / PR
Gislene Santos

(Des)caminhos da migração pendular na metrópole
do Rio de Janeiro: uma perspectiva a partir
dos eixos de transporte
Luciano Ximenes Aragão

Emigração de argentinos para a Espanha:
fluxos e composição
Fernando Osvaldo Esteban

Refugiados: o reassentamento solidário
no território brasileiro
César Augusto Silva da Silva
Viviane Mozine Rodrigues

Migración internacional, remesas y desarrollo:
del mito a la realidad
Rodolfo García Zamora

A Diretiva Europeia de retorno
João Carlos Jarochinski Silva

Resenha

Cem papéis (conto)
Catitu Tayassu

www.cemsp.com.br

Espaço aberto à divulgação de livros doados à Biblioteca do CEM

Serão divulgados apenas os livros que se enquadram nos critérios de catalogação da Biblioteca do CEM, especializada em migrações.



Este estudo de Nashieli R. Loera toma como objeto de análise as ocupações de terra e as examina levando em conta o ponto de vista dos homens e mulheres que se encontram nos acampamentos. Faz uma etnografia do mundo constituído pelo acampamento Terra Sem Males, promovido pelo MST, no interior de São Paulo. E o acampamento revela-se como um espaço de encontro de histórias singulares e, ao mesmo tempo, encontro de vidas marcadas por situações comuns, entre as quais, a itinerância entre campos e cidades.

Este livro, sob a organização de Maria de Nazareth B. Wanderley, é resultado do trabalho coletivo de pesquisadores que se propõem a conhecer as múltiplas dimensões sociais das formas contemporâneas de incorporação das populações rurais e dos recursos naturais à sociedade globalizada. Os textos sintetizam os principais resultados dos estudos sobre as recentes transformações do mundo rural nordestino, em que estão implicadas diferentes concepções sobre o uso da terra.



Os autores desta publicação, coordenada por Aldenor Gomes, abordam a modernização da agricultura, os camponeses, o meio ambiente, projetos alternativos, mudanças sociais e os movimentos sociais no campo, através de artigos que buscam analisar as transformações por que vem passando atualmente o mundo rural. Os textos encontram-se distribuídos em blocos: gestão participativa nas políticas públicas; sociabilidade e pluralidade camponesa; geração de emprego e renda; mudanças tecnológicas e alterações no processo de trabalho.

O livro de Cristiano W. N. Ramalho é, acima de tudo, um testemunho dos pescadores artesanais do litoral de Pernambuco, em sua lida diária para manter seu modo de vida e sua identidade, apesar da degradação dos ambientes estuarinos e do impacto das atividades urbanas. As práticas tradicionais de pesca, amparadas nas relações de parentesco, de amizade e numa ética de cooperação possibilitaram a reprodução social e a continuidade dessa atividade ao longo do tempo.

